

MÍDIA E PROFECIA EM JEREMIAS: QUEM FALA EM NOME DO POVO?

Célia M.P. Lisboa

Resumo

Com base em Jr 28,1-17 buscamos identificar as disputas ideológicas presentes na sociedade judaíta dos séculos VII/VI aC, subjacentes à profecia, visto que os profetas estavam vinculados a setores distintos e opostos da sociedade. Compreendemos que as vozes proféticas naquele momento eram conflitantes, tornando-se difícil distinguir entre um profeta verdadeiro e falso. Concluimos que a profecia autêntica está intimamente relacionada ao ideal de uma sociedade igualitária e solidária.

Palavras-chave: Profecia. Propaganda midiática. Falsos profetas.

Abstract

Based on Jeremiah 28,1-17 we try to identify ideological disputes in Judaic society from VII/VI centuries B.C., since the Prophets were connected to different and opponent sides of society. We understand that prophetic voices in that moment were conflicting, becoming difficult to distinguish between a real prophet and a false one. We conclude that an authentic prophecy is closely related to the ideal of an equalitarian and solidary society.

Keywords: Prophecy. Media. Propaganda. False prophets.

Introdução

Estamos vivendo um momento de importantes disputas no âmbito político-econômico, que se reflete para a vida social da população brasileira. Essas disputas ocorrem principalmente no campo ideológico e são promovidas pela mídia hegemônica¹, aparelho que reflete a ideologia das elites intelectuais, econômicas,

1. Gramsci, filósofo italiano do início do século XX, conceituou hegemonia como a relação de domínio de uma classe social sobre o conjunto da sociedade, que ocorre através da força (exercida pelas instituições políticas, jurídicas e pelo controle do aparelho policial-militar) e do consenso (através dos valores morais e comportamento). Cf. MORAES, D. *Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci*, 2010.

políticas e militares de uma nação, exercendo grande poder de persuasão sobre a sociedade civil, podendo mudar o curso da história.

Esse fenômeno não é uma invenção da Modernidade e do capitalismo, mas existe desde a Idade Antiga. A profecia de Jeremias é emblemática nesse sentido. O texto apresenta diferentes perspectivas midiáticas que refletem o lugar social de quem fala e os interesses aos quais servem. Os profetas autênticos e os profetas palacianos (falsos) falam de diferentes lugares sociais. São vozes conflitantes.

Buscamos, com base em Jr 28,1-17, analisar as representações existentes e as suas implicações para a sociedade do seu tempo.

Quem é Jeremias?

“A palavra do Senhor foi-lhe dirigida no tempo de Josias, filho de Amon, rei de Judá, no décimo terceiro ano de seu reinado. Foi-lhe ainda dirigida no tempo de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, até o fim do décimo primeiro ano do reinado de Sedecias, filho de Josias, rei de Judá, até a deportação dos habitantes de Jerusalém, no quinto mês” (Jr 1,2.3).

Jeremias era benjaminita, de Anatot (1,1), filho do sacerdote Helcias e, como tal, tinha acesso à cultura sacerdotal, apesar de nunca ter atuado como tal. Sua vocação deu-se no 13º ano de Josias (Jr 1,2), 627/626 aC². O tempo da sua atuação coincide com os reinados de Josias, Joaquim e Sedecias.

O profeta viveu entre dois períodos políticos muito distintos em Judá. O primeiro período diz respeito aos anos que precedem a morte do rei Josias (609 aC), período de independência política em relação à Assíria, de crescente prosperidade econômica e de reforma religiosa. O período posterior foi marcado por rápida decadência político-econômica, em que Judá esteve dominada pelo Egito e mais tarde pela Babilônia (605-586/7 aC). Sua profecia é datada de 626 a 586/7³.

Tomando por referência o local da sua residência e o seu elogio a Josias como rei justo (Jr 22,15-16), podemos inferir que o profeta tinha ligação com as tribos do norte e íntima relação com o mundo campesino, pois a política josiânica foi apoiada pelo campesinato judaíta. Acrescido a isso, quando foi condenado à morte, os “anciãos da terra” se levantaram em defesa do profeta (Jr 26,17-19).

2. Há autores que situam a vocação de Jeremias no ano 23 de Josias (617 aC), no começo do reinado de Joaquim (609) ou depois da batalha de Carquêmis (605 aC). Cf. SICRE, J.L. *A Justiça Social nos Profetas*, p. 457-458.

3. Cf. SCHWANTES, M. *Sofrimento e esperança no exílio*, p. 42-43, e SICRE, J.L. *A Justiça Social nos Profetas*, p. 457, 458.

Provavelmente tinha acesso às tradições das tribos do Norte, em especial, o êxodo (Jr 2,1-6)⁴.

Assim como ocorreu com outros profetas, Jeremias encontrou pontos de apoio na sociedade da sua época, entre esses, Baruc, seu secretário (Jr 36,4; 45,1). Incluem-se Seraías, provável irmão de Baruc (Jr 51,59), a família de Safã, funcionário da corte de Josias (2Rs 22,12; Jr 26,24; 29,3), Gamarias, filho do escriba Safã (Jr 36,10.25), e Ebed-melec, o eunuco etíope (Jr 38,7), entre outros.

Jeremias, como autêntico profeta de Javé, fez a opção pelos pobres e oprimidos, vítimas da violência institucional e pessoal. Nesse sentido, é um porta-voz da esperança, denunciando as injustiças sociais (de cunho econômico e político), lutando por um mundo mais justo e humanizado.

É comum que os profetas se confrontem com diferentes setores da sociedade, como reis, sacerdotes, outros profetas, chefes políticos e militares, juizes e outros. Jeremias acusou o rei Joaquim publicamente, chamando-o de ladrão e assassino (Jr 22,13-19). Aos sacerdotes, acusou-os de abuso de poder (Jr 5,31), fraude (Jr 6,13; 8,18), afastamento de Deus (Jr 2,8), impiedade (Jr 23,11). Entretanto, seu confronto mais contundente foi com aqueles a quem denomina “falsos profetas”, por pretenderem falar em nome de Javé.

Quem fala em nome do povo? O profeta e seu lugar social

Na Antiguidade Oriental os profetas eram pessoas que atuavam intermediando a comunicação entre divindade e outros humanos. Os profetas eram instrumentos midiáticos da palavra, ainda que nem sempre esse fenômeno tivesse uma conotação positiva⁵.

De modo geral, os profetas estavam vinculados aos movimentos sociais e à cultura do seu tempo, agindo como porta-vozes dos pobres e oprimidos. Falavam em nome de Javé sem, contudo, desvincularem-se do seu lugar social. Eles faziam parte da sociedade em que viviam, foram influenciados pelo ambiente cultural e ajudaram a construir caminhos para a sociedade do seu tempo, atuando em diferentes setores⁶.

Na cultura veterotestamentária, o profeta nem sempre é o que fala em nome de Javé, exemplificado pelos profetas de Baal e os falsos profetas. É comum encontrar-se a referência a diversos grupos de profetas, apontando para uma ação coletiva (1Sm 10,5.10-11; Is 3,2; 9,14 e outros). Em determinados contextos os

4. Cf. SCHWANTES, M. *Sofrimento e esperança no exílio*, p. 42, e SCHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*, p. 253-254.

5. Cf. SICRE. *Profetismo em Israel. O profeta, os profetas, a mensagem*, p. 126-136.

6. Cf. SCHWANTES, M. *Profecia e organização*, p. 26-39.

profetas podiam guardar estreita relação com os sacerdotes (Lm 2,20; Jr 7,26). Havia também aqueles que viviam à custa da coroa, buscando agradar mais ao rei do que transmitir a palavra de Javé (1Rs 22,5-8) ou os que estavam relacionados intimamente aos anciãos, nobres, militares, juízes e políticos (Is 3,2; 9,14; Jr 22,23-31).

Desse modo, os profetas do palácio podiam representar a fala institucional, expressar os modos de ver e interpretar a realidade de acordo com a perspectiva das elites. No contexto desse livro, esses não coadunam com o projeto javista para a sociedade. Portanto, são chamados por Jeremias de falsos profetas.

Para Jeremias, o falso profeta é aquele que mente, desviando o povo, impedindo que se converta, buscando seus próprios interesses (Jr 23,13-14). É aquele incapaz de perceber a gravidade da situação, seja ela religiosa, política ou social, por ter uma compreensão superficial dos fatos (Jr 6,13-14). O profeta autêntico, ao contrário, é chamado para fazer valer a soberania de Javé para além do âmbito do sagrado, alcançando a vida social e demais áreas do domínio estatal.

Interesses sociopolíticos em jogo

O pano de fundo da profecia de Jeremias⁷ é bastante conturbado. O cenário mundial aponta para a derrocada do império assírio, que desde cerca de 631 aC, depois da morte do rei Assurbanipal, desintegrou-se em menos de trinta anos. Egito e Babilônia começam, então, a reafirmar as suas ambições imperiais. Ambos os impérios concorriam pelo controle do que antes fora de domínio assírio. Em 609 aC, os exércitos do Egito avançaram para Harã e Josias (640-609), rei de Judá, tenta impedir o seu progresso em vão, morrendo na batalha de Megido (2Cr 35,20-22). Desde 605 a 539 aC, os babilônios se tornaram senhores de Judá⁸.

Josias se tornou rei aos oito anos de idade, empreendendo uma série de reformas religiosas, mantendo a característica nacionalista durante o seu governo. Após a sua morte, os cidadãos de Jerusalém ungiram seu segundo filho, Jeoacaz, como rei. Mas Neco, rei do Egito, o destituiu substituindo-o pelo seu irmão, Eliaquim (2Rs 23,34), que recebeu o nome de Jeoaquim (609-598 aC). Durante o seu reinado, Jeoaquim ora se sujeitava ao Egito, ora à Babilônia, até que se recusou a pagar tributo à Babilônia, provocando o cerco de Jerusalém. Jeoaquim morreu antes do final do cerco (2Rs 24,6)⁹.

7. Assim como outros textos proféticos, o livro de Jeremias foi editado pelos seus discípulos e, provavelmente pelos círculos deuteronomistas, muito ativos no reinado de Josias e períodos posteriores, como exílio e pós-exílio. Cf. VITÓRIO, J. Jeremias, profeta crítico do poder imperial, p. 391; SCHREINER, J. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento*, p. 239-242.

8. Cf. CAMELO, F. A sociedade de Judá perante as invasões neobabilônicas do século VI aC, p. 68-69.

9. PORATH, R. Profetas, interlocutores indispensáveis neste “Fim da História” (p. 29-30).

Para impor o senhorio de vassalagem aos judaítas, Babilônia aprisionou rei Jeconias (Joaquim), filho de Jeoaquim, juntamente com sua mãe e os oficiais mais próximos (2Rs 24,12.14-17). O templo de Jerusalém e o palácio real foram saqueados e os objetos de valor foram levados para a Babilônia (2Rs 24,13). O ano da primeira deportação foi 597 aC.

No lugar de Jeconias, o império babilônico entronizou Matanias (597/8-586/7 aC), seu tio, que foi chamado de Sedecias (2Rs 24,17). Esse rei hesitou em tomar uma decisão política, no sentido de empreender ou não uma revolta contra a Babilônia (Jr 38,19), pois temia os setores de oposição aliados à Babilônia, a pressão dos príncipes (Jr 38,24-26) e a opinião das elites. Os remanescentes da elite política ainda esperavam pelo retorno de Jeconias, visto que Sedecias era visto como um monarca ilegítimo¹⁰.

Na corte de Jerusalém havia pelo menos duas facções em conflito. Uma pró-Babilônia e outra pró-Egito. Provavelmente, havia também aquela que não se opunha ao poder hegemônico. A questão da ilegitimidade do rei Sedecias dividia a sociedade de Judá e agravava sua ruptura social e política¹¹. De modo geral, o clero e os profetas ligados ao templo possuíam considerável importância política na corte e junto ao rei e apoiavam a confrontação com a Babilônia. Devido à submissão de Judá à Assíria, e mais tarde ao Egito, os sacerdotes tornaram-se permeáveis às influências religiosas externas, afastando-se dos ideais da Aliança mosaica.

Acrescido a isso, os altos funcionários da administração real e também proprietários fundiários eram, na sua maioria, a favor de uma aliança com o Egito e se opunham às críticas de Jeremias (Ez 8,11-12). É necessário ressaltar que na cidade havia grupos dependentes do aparelho real, os quais supriam as necessidades da corte. Porém, não eram unânimes em relação a sua posição pró-Egito. Alguns setores da nobreza concordavam com as orientações de Jeremias (Jr 36,14-20).

Do mesmo modo, os setores do comércio internacional constituíam um grupo influente e pressionavam a política externa, pois almejavam o controle das rotas internacionais que envolviam o território de Judá. Uma invasão babilônica conduziria a uma perda do controle das rotas comerciais desse território privilegiado¹². Em 588 aC os babilônios empreenderam novo cerco a Jerusalém e, um ano e meio mais tarde, destruíram o templo e a cidade, tornando Jerusalém província da Babilônia, sob o governo de Godolias, nomeado por Nabucodonosor (Jr 25,22).

A nobreza local e provinciana, ao contrário, era favorável à restauração da tradição da Aliança mosaica e protestava contra as inclinações sincréticas da

10. Cf. Vitério, 2013.

11. Cf. CAMELO, F. A sociedade de Judá perante as invasões neobabilônicas do século VI aC, p. 70-73.

12. Cf. CAMELO, F. *Ibidem*.

monarquia e dos setores a ela ligados¹³. Estava ligada às atividades agrícolas e havia proclamado Josias rei de Judá (2Rs 21,24), apoiando-o politicamente e, mais tarde, a Joacaz (2Rs 23,30), sustentando o nacionalismo josiânico.

Ao final desse embate, a facção pró-Egito se impôs e Judá pagou um alto preço por sua escolha.

O Texto (Jr 28,1-17)

As ações que dão sentido às palavras dessa perícopes encontram-se em Jr 27. Diante do convite feito a Sedecias pelos reis de Moab, Edom, Amon, Tiro e Sidônia, de juntar-se a eles numa rebelião antibabilônica, o profeta Jeremias recebe uma ordem de Javé para, por meio de uma ação simbólica, anunciar que deveriam submeter-se ao senhorio da Babilônia (Jr 27,3-11), sob o risco de sofrerem severo castigo divino e a ruína definitiva de Judá (Jr 27,8). Sedecias também foi alertado de que a submissão à Babilônia era a única possibilidade de salvação e a garantia de permanência em Judá (Jr 27,12-13). Jeremias alerta que os falsos profetas mentem ao anunciar a insubmissão ao poder opressor (Jr 27,9-10.14-15).

O contexto desta perícopes se localiza no quarto ano do reinado de Sedecias, rei de Judá (28,1). O autor apresenta o confronto entre dois personagens (Hanania e Jeremias) em paralelismo. O termo comumente usado no contexto desse livro para “profeta” é *nabi*, o mediador que transmite a palavra de uma divindade, seja Javé ou outros deuses¹⁴.

O enfrentamento ideológico entre profetas é muito relevante no âmbito dessa profecia. Ambos são profetas, que pronunciam oráculos em nome de Javé (Jr 28–29). O texto inicia com a palavra profética de Hanania, filho de Azur, gibeonita, que desafia Jeremias, contradizendo-o. Em sua mensagem, esse profeta do palácio pretende falar em nome de Javé, desautorizando a palavra de Jeremias, que anteriormente havia anunciado a necessidade de submissão de Judá à Babilônia como condição para sua sobrevivência (Jr 27,16-22).

“Assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: Quebro o jugo de Babilônia. Antes de dois anos devolverei a este lugar todos os utensílios do templo que Nabucodonosor, rei da Babilônia, açambarcou e levou para Babilônia. A Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá e a todos os judaítas desterrados na Babilônia, eu os farei voltar a este lugar – oráculo do Senhor. Porque eu quebrarei o jugo do rei da Babilônia” (Jr 28,2-4).

13. Cf. CAMELO, F. *Ibidem*.

14. Cf. SICRE, J.L. *Profetismo em Israel. O profeta, os profetas, a mensagem*, p. 81-89.

As palavras e ações de Hananias declaram publicamente que Jeremias é o falso profeta, que não está apto para discernir a vontade de Javé na história. Em seu oráculo, o profeta do palácio reflete os sonhos, desejos e ideais de determinados grupos e pessoas, em Judá. Gente que desejava receber notícias de paz e soluções imediatas para a crise nacional, a qualquer custo. Estamos nos referindo a grupos pró-Egito, como funcionários influentes da administração real, setores industriais e os de alta patente do exército, entre outros. Para esses grupos, render-se à Babilônia significava perder as mordomias que os aliados da Coroa usufruíam. Visto que o comércio internacional era monopólio da Coroa, aqueles que a ela estavam vinculados sentiram-se ameaçados. As invasões babilônicas representariam, para esses grupos, a perda do controle das rotas comerciais que atravessavam o território de Judá¹⁵.

Em resposta a Hananias, Jeremias põe à prova as suas palavras publicamente, propondo um critério de discernimento, através da confirmação histórica.

“O profeta Jeremias respondeu ao profeta Hananias, na presença do povo que estava no templo... Amém, assim faça o Senhor! O Senhor cumpre tua profecia trazendo da Babilônia para este lugar todos os utensílios do templo e todos os desterrados. Mas escuta o que eu digo a ti e todo o povo: os profetas que nos precederam, a ti e a mim, desde tempos imemoriais, profetizaram guerras, calamidades e epidemias a muitos países e reinos extensos. Quando um profeta predizia prosperidade, só ao cumprir-se sua profecia era reconhecido como profeta realmente enviado pelo Senhor” (Jr 28,8).

O confronto público tem continuidade com uma ação simbólica de Hananias, que retira o jugo do pescoço de Jeremias e o quebra:

“Então Hananias tirou o jugo do pescoço do profeta Jeremias e o quebrou, dizendo na presença de todo o povo: Assim diz o Senhor: Assim quebrarei, antes de dois anos, o jugo do rei de Babilônia, que tantas nações levam no pescoço” (Jr 28,10-11).

A mensagem de Hananias, assim como a dos demais profetas do palácio (Jr 14,13-14), constituía-se como propaganda midiática que servia a interesses de corrupção e morte, consequência do desconhecimento e distanciamento de Deus. Suas palavras eram enganadoras e buscavam sintonia com o desejo do povo, igualmente culpado.

A idolatria denunciada no contexto dessa profecia está intimamente relacionada à injustiça social, como se observa em Jr 4,1-2 (*“se afastas de mim tuas*

15. Cf. CAMELO, F. A sociedade de Judá perante as invasões neobabilônicas do século VI aC, p. 70-73.

execrações... se juras pelo Senhor com verdade, justiça e direito). Ao desprezarem Deus, os simples e os poderosos dão lugar à injustiça e à opressão (Jr 5,1-5.20-28).

A corrupção social pode ser identificada pelos seguintes termos: “*adúlteros*”, “*quadrilha de bandidos*”, “*dominam o país com mentiras*”, “*o irmão põe armadilhas*”, “*o próximo anda difamando*”, “*enganam-se mutuamente*”, “*fraude sobre fraude, engano sobre engano*” (Jr 9,1-7), “*cidade em que domina a opressão*”, “*dela brota a maldade e violências, atropelos... golpes e feridas*” (Jr 6,6-7), “*do primeiro ao último só procuram lucrar, profetas e sacerdotes se dedicam à fraude*” (Jr 6,13), “*pretendem curar superficialmente a fratura do meu povo, dizendo: vai bem, muito bem, E não vai bem*” (engano – Jr 6,14), “*tens olhos e coração só para o lucro, para derramar sangue inocente, para o abuso e a opressão*” (Jr 22,17), “*faz trabalhar gratuitamente seu próximo sem lhe pagar salário*” (Jr 22,13). Nas palavras do profeta, para que houvesse salvação era necessário “*lavar o coração de maldades*” (Jr 4,14).

Na sequência das ações, Jeremias sai sem dar resposta, mas Deus o faz retornar e proclamar uma mensagem de condenação a Hananias:

“Vai dizer a Hananias: assim diz o Senhor: Tu quebraste um jugo de madeira, eu o substituirei com um jugo de ferro. Pois assim diz o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: jugo de ferro porei no pescoço de todas essas nações, para que estejam submetidas a Nabucodonosor, rei da Babilônia, e até as feras selvagens lhe darei como servidores. O profeta Jeremias disse ao profeta Hananias: Escuta-me, Hananias: o Senhor não te enviou e tu levas este povo a uma falsa confiança. Por isso, assim diz o Senhor: Eu te expulsarei da superfície da terra. Neste ano morrerás, por ter pregado rebeldia contra o Senhor” (Jr 28,13-16).

Ao apresentar o confronto sequencial entre os profetas que reivindicam a autoridade de Javé, o texto deixa entrever a possível insegurança daqueles que ouvem as palavras dessas profecias. Quem estaria agindo na contramão de Deus? Jeremias ou Hananias? Distinguir entre um profeta verdadeiro e falso não é tarefa fácil. Nas palavras de Sicre (1996), “o falso profeta tranquiliza a consciência do malvado para que não se converta de sua injustiça, promete paz e bem-estar ao povo quando o país se precipita na ruína” (p. 134).

Jeremias parece concordar com Dt 18,21-22, que também aponta para o critério da espera e da confirmação histórica:

“Como distinguir se uma palavra não é palavra do Senhor? Quando um profeta falar em nome do Senhor e não acontecer nem se cumprir sua palavra, é coisa que o Senhor não disse; esse profeta fala com arrogância, não o temas”.

Nesse caso, devia-se esperar e observar se a fala do profeta se cumpriria ou não. A história confirmou a profecia de Jeremias. Hananias morreu naquele ano (Jr 28,17).

Por trás do confronto entre os profetas, observam-se determinadas práticas ideológicas construídas como projeto para a nação de Judá. São decisões relacionadas à promoção da vida social e comunitária, uma vez que propõem medidas e ações que se refletirão para o bem ou para o mal da sociedade. Decisões relacionadas à promoção da justiça ou da ruína da nação.

Jeremias reconhecia que o mais sensato naquele momento era render-se à Babilônia. O profeta não alimentava esperanças ingênuas, mas estava ciente da gravidade da situação em que Judá se encontrava e vislumbra a construção de novos caminhos, ainda que por meio de provações e sofrimentos.

Sua profecia não era uma propaganda pró-Babilônia, mas serviu para denunciar um sistema de idolatria, opressão e a indiferença de Judá em relação aos valores éticos ligados à Aliança. Buscava conservar a memória dos eventos fundantes da fé israelita que valoriza o ser humano, sua relação com a terra e a promoção do direito e da justiça. Seus oráculos visavam especialmente à conversão de todo o povo, incluindo as lideranças e instituições, que deveriam funcionar adequadamente, visando à transformação da sociedade.

Concluindo

Para discernir a profecia é necessário considerar os interesses que a sustentam. Os falsos profetas são aqueles que servem aos interesses de corrupção, cobiça, injustiças sociais e opressão. Toda a profecia que atende aos interesses de morte é falsa.

Os profetas autênticos são interlocutores de Javé, que busca o diálogo com seu povo para uma construção conjunta da história. Nesse sentido, o primeiro passo aponta para a conversão genuína do indivíduo – *“Emendai vossas condutas e vossas ações”* (Jr 7,5). Porém, isso não é suficiente. É necessário transformar a administração pública para atender aos interesses sociais mais amplos – *“Se julgais retamente os pleitos, se não explorais o migrante, o órfão e a viúva, se não derramais sangue inocente neste lugar, se não seguís deuses estrangeiros, para vosso mal, então habitarei convosco neste lugar, na terra que dei a vossos pais, desde agora e para sempre”* (Jr 7,5-7).

A profecia autêntica diz respeito aos princípios básicos da Aliança: a promoção da equidade, do direito e da justiça, o ideal de uma sociedade igualitária e solidária.

Bibliografia

CARAMELO, F. A sociedade de Judá perante as invasões neobabilônicas do século VI aC: clivagens sociais e políticas. *Arquipélago. História*, v. 11, p. 67-88, 1989. Disponível em: <http://repositorio.uac.pt/> – Acesso em 05/12/2016.

FOHRER, G. *A História da Religião de Israel*. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012.

MORAES, D. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2010.

PORATH, R. Profetas, interlocutores indispensáveis neste “Fim da História”. Um diálogo com o profeta Habacuque. *Estudos Teológicos*, v. 33, n. 1, p. 26-36, 1993.

SICRE, J.L. *A Justiça Social nos Profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Profetismo em Israel*. O profeta, os profetas, a mensagem. Petrópolis: Vozes, 1996.

SCHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Teológica, 2004.

SCHWANTES, M. Profecia e Organização. Anotações à luz de um texto (Am 2,6-16). *Estudos Bíblicos*, v. 5, Petrópolis: Vozes, p. 26-39, 1985.

_____. *Sufrimento e esperança no exílio*. História e teologia do povo de Deus no século VI aC. São Leopoldo: Oikos. 3. ed., 2009.

VITÓRIO, J. Jeremias, profeta crítico do poder imperial. A hegemonia e a grandeza babilônica, numa leitura profética da história, à luz da fé. *Estudos Bíblicos*, v. 30, n. 120, p. 389-412, out./dez., 2013.

Célia M.P. Lisboa
celiapatriarca@gmail.com